

A Biografia Romanceada de



Cristina Maria da Silva¹

Em suma, todos os segredos da alma de um escritor, todas as experiências da sua vida, todas as qualidades de seu espírito estão patentes em sua obra e mesmo assim precisamos de críticos e biógrafos para explanarem e explicarem uma e outra².

Entre a narrativa literária e a compreensão da vida social buscamos na biografia uma das dimensões para pensar o narrado e o vivido, um exercício para o entendimento dos entrelaçamentos das relações sociais e individuais. Seria uma das formas de pensarmos o próprio conhecimento que produzimos? Questionando as fronteiras do que é narrado, escrito e vivido? Na escrita se repete o vivido ou se vive o narrado? São essas inquietações que tem se colocado para nós no sentido de pensar as dimensões sociais e antropológicas pela trilha das trajetórias, das narrativas e do romance.

Lidamos com rostos que nem sempre terão a mesma expressão e nem sempre são rigorosamente definidos na busca biográfica. Uma linha de descontinuidade atravessa o que pensamos, talvez porque as dimensões da vida sejam sempre uma busca. Conseguimos apenas apoiar nossos braços sobre os muros da existência e contemplar apenas um ângulo de seus inusitados movimentos. Considerando isso, como esculpir um rosto através de palavras? Como definir uma vida na junção de algumas delas?

Aproximamo-nos da escritora Rachel de Queiroz (1910-2003) procurando compreender as suas palavras ditas e a poética da existência desvelada na sua prosa. Suas narrativas e o que de sua vida nelas aparecem grafadas. Diante da obra de Rachel, objeto de um trabalho mais amplo,³ nós buscávamos nos olhos dessa mulher a invenção literária de um lugar: “O Nordeste”, diante da qual toda uma crítica literária se debruçou na chamada literatura regionalista. No entanto, em seu olhar nos desviamos para o solo da condição humana. Acompanhando a sinuosidade de seus olhos reavivados pelas lembranças, encontramos a potência subterrânea do ser humano em seu desamparo e destino trágico. Mais do que as marcas de um território, denominado Nordeste, encontramos uma geografia pessoal marcando a configuração de uma obra literária.

¹ Socióloga - UECE. Mestre em Ciências Sociais - UFRN. Doutoranda em Ciências Sociais - UNICAMP.

Email: crimasbr@yahoo.com.br. Este texto foi elaborado durante o curso de Trajetórias, Histórias de Vida e Biografias - 2005.1, sob a responsabilidade da Prof. Dra. Suely Kofes, no Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, na linha de itinerários intelectuais e etnografia do conhecimento.

² WOOLF, Virgínia. *Orlando*. 2ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003, p. 138.

³SILVA, Cristina Maria da. *Entre Exílios, Veredas e Aventuras: o romance da vida social em Rachel de Queiroz*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2005. 197 p.

Neste ensaio, falamos de Rachel de Queiroz a partir do perfil biográfico esboçado por Hermes Rodrigues Nery (1965), natural de Curitiba, bacharel em história e jornalismo e membro da Academia de Letras de Campos do Jordão, em *Presença de Rachel*, publicado em 2002, mas não menos impregnados pela trajetória da escritora que temos desvelado. O autor vai esboçando, ou melhor, deixando Rachel esboçar o seu perfil biográfico através de entrevistas realizadas entre 1988 e 1996, em encontros informais nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo.

Como a escritora mesmo, toma as tintas e escolhe as cenas das palavras que mais se aproximam das suas vivências, intercalamos essa narrativa com o livro *Tantos Anos*, no qual sua irmã Maria Luíza Queiroz, “testemunha constante de sua vida”, enfrenta o desafio de também conseguir que Rachel fale de si. É um livro escrito através das insistências da irmã, no sertão do Ceará ou no Rio de Janeiro, onde as duas escreviam, discutiam, brigavam, durante quase quatro anos. Sobre *Tantos Anos*, Rachel ressalta:

A romancista Rachel de Queiroz nunca estará retratada num livro de memórias. (...) Bom, são memórias, mas não são memórias temáticas, digamos assim. São recordações de infância entre mim e Maria Luiza. Por exemplo, eu digo ‘olha, naquela vez que nós fomos a tal parte’ e ela diz ‘não, não foi pra lá, segundo eu me lembro, foi pra outro canto’. É uma espécie de diálogo entre nós duas. Não há nada muito especial, não. É só a rotina da vida, as coisas, as pessoas. O livro não ficou pesado, não ficou difícil de ler, mas eu não conto nada de excepcional, não. (...) nós duas escrevemos juntas. Em geral, ela batendo, escrevendo, e tomando nota⁴.

Contudo, consideramos que mesmo trazendo outras presenças de Rachel em palavras, o trabalho traz mais subsídios para o esboço de uma biografia do que realmente o faz. E isso se deve, a nosso ver, pelo fato de ser uma coletânea de entrevista, que nos trazem dados sobre a vida da escritora, mas não tentam montar sua biografia, traz-nos dados. Talvez por isso, o termo “perfil biográfico”, assinalado pelo comentarista Pedro Paulo Filho sobre o livro pareça pertinente, pois traz apontamentos, recordações sobre a vida da escritora cearense. Percorre uma “coleta de dados factuais sobre a jornada da personagem: suas ações, palavras, seus pensamentos, os lugares e rostos por meio dos quais se movimentou”. Entretanto, não realiza a travessia, pelo menos não na escrita, “de criação de uma relação imaginária ou ficcional entre o biógrafo e o biografado”, que não se trata de uma disposição de dados, mas de um contínuo e vivo diálogo, implicações de trajetórias.⁵ As entrevistas não deixam de ter a sua relevância para a compreensão dos fatos vividos por Rachel, porém não chegam a sugerir o

⁴ QUEIROZ, Rachel de. Depoimento. ARAÚJO, Felipe. *Entrevista concedida a Felipe Araújo da Editoria do Sábado – Jornal O Povo*, Ce, 26.09.1998.

Disponível em: <<http://www.literario.com.br/mulheres/rachelentrev2.htm>>. Acesso em: 09. Set. 2004.

⁵ VILAS BOAS, Sergio. *Biografias e Biógrafos: jornalismo sobre personagens*. São Paulo: Summus, 2002, p. 130.

que Gabriel García Márquez esboça de que: “é possível entrevistar alguém da maneira como se escreve uma novela ou um poema”.⁶

Por outro lado, é preciso notar também que Rachel não se deixa revelar facilmente, pelo menos, não num primeiro momento, o que torna as fronteiras entre a dimensão biográfica e autobiográfica muito tênues, pois não fala sozinha de si, apenas quando contracenava com os seus personagens e também não deixa que os outros escolham sozinhos as palavras que compõem suas trajetórias, leva-nos antes pelos labirintos do “talvez” e do “parece”.⁷

Desvelando seus *Tantos Anos*, afirma:

Eu não gosto de memórias. Nunca pretendi escrever memória nenhuma. É um gênero literário – era literário mesmo? – onde o autor se coloca abertamente como personagem principal e, quer esteja falando bem de si, quer confessando maldades, está em verdade dando largas às pretensões do seu ego – a grande figura ou grande vilão. Mas *grande* de qualquer modo. O ponto mais discutível em memórias são as confissões, gênero que sempre abominei, pois há coisas na vida de cada um que não se contam. Eu, por exemplo, “nem as paredes do quarto as contaria”, como diz o fado.⁸

Também por mais que haja um caráter ilustrativo dos romances, no trabalho de Nery, intercalando com as falas, o texto não vai pontuando essas aproximações, antes apenas sugerindo ao leitor um possível mosaico dessa implicação de Rachel em sua obra ficcional. O texto parece se inserir numa vertente denominada “jornalismo literário”, ou nas palavras da própria escritora Rachel de Queiroz: “o gênero literário da entrevista”. Nery, ouvindo e interpelando a escritora, se propõe a:

Captar aspectos do seu pensamento e sua visão de mundo, da sua experiência de vida e criação ficcional. Extraímos e inserimos trechos de sua obra que servissem de referência aos temas abordados. Aproveitamos algumas crônicas e passagens de sua ficção para ilustrar determinados pontos de vista da autora. As entrevistas não estão organizadas por ordem cronológica, propositalmente, porque nos interessou preservar apenas a fluência das idéias de acordo com alguns temas que estivessem, de uma certa forma ligados, com o universo literário e pessoal de Rachel de Queiroz.⁹

Este aspecto literário entre os jornalistas é nomeado como “novo jornalismo”, uma outra maneira de expressar o relato jornalístico, praticada a partir da segunda metade do século XX, com tons ficcionais. Nessa prática, Gabriel García Márquez vê que o jornalismo mantém quem o escreve em contato com a realidade, o que é essencial para a literatura, e ao mesmo tempo ensina-o a escrever, o que é essencial para a construção jornalística. “No jornalismo é preciso apegar-se à verdade, ainda que ninguém acredite nela, enquanto que na literatura se pode inventar tudo, desde que o autor seja capaz de fazer

⁶ MARQUEZ, Gabriel García apud HERSCOVITZ, Heloiza Golbspan. *O Jornalismo Literário de Gabriel García Márquez*. Disponível em: <http://www.adevento.com.br/intercom/resumos/R0085-1.pdf>. Acesso: 21. Jul. 2005.

⁷ WOOLF, Virgínia, *Orlando*. 2ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003, p. 206.

⁸ QUEIROZ, Rachel. *Tantos Anos*. São Paulo: Siciliano, 1998, p. 13.

⁹ NERY, Hermes Rodrigues. *Presença de Rachel: conversas informais com a escritora Rachel de Queiroz*. São Paulo: FUNPEC, 2002, p. xix.

com que o leitor acredite que seja verdade”.¹⁰ Uma maneira de ampliar os horizontes da percepção, construindo cenas, reproduzindo diálogos, pontos de vista e relatos sobre a vida das pessoas, procurando:

Captar o real mergulhando no sensório, a fim de recriar e reproduzir, com a maior extensão possível, a vida de um personagem ou a amplitude de algum tema. Eles sentiam que não havia como retratar a realidade senão com cor, vivacidade e presença, tentando viver na pele as circunstâncias e o clima inerente a seus personagens reais¹¹.

A narrativa biográfica em si intercambia diversos saberes, metodologias e formas variadas, para fazer surgir “fatias da vida”. As implicações desse interesse de diversas áreas do saber pela biografia, talvez sejam o fato de sua possível liberdade narrativa, assim como também uma maneira de a partir do individual, perceber os passos da vida social, suas marcas e transfigurações. O crescente interesse por esse tipo de leitura já talvez esteja na busca de se tecer leituras de si, entre similitudes e diferenças, diante da trajetória de vida de outrem. As biografias explicitam uma demasiada humanidade, onde se misturam perdas e ganhos, incertezas de um caminho ou percurso, que atraem e seduzem por serem:

Múltiplos traços, esboçando uma trajetória. (...) sombras, longos silêncios, intervalos obscuros, privacidade indevassada, que terminam por falar do que o tempo faz com a memória de uma vida, vislumbrando apenas o que seria a verdadeira experiência desta vida no tempo¹².

Mesmo estando próxima do ficcional, em alguns casos, a biografia não cria os seus personagens, seus enredos e destinos, o que a move são as narrativas de vida condensadas em fatos, recortes de uma vida. É uma:

Narrativa de eventos: todo o restante resulta disso. Já que é, de fato, uma narrativa, ela não faz reviver os eventos. A literatura e o jornalismo também não o fazem ressurgir: o vivido, tal como salta das mãos do historiador, do jornalista literário ou do ficcionista, não é o dos autores envolvidos nos eventos, mas a vida dentro da narração¹³.

O que é realizado por Nery traz elementos a mais para repensarmos a vida da escritora Rachel de Queiroz, para além dos encarceramentos interpretativos de sua trajetória e de seus textos, como por exemplo, limitar sua produção a um viés regionalista, reduzi-la a isto, ou mesmo dizer que trata somente da questão feminina, quando na verdade traz como escritoras as dimensões da vida humana, em seu caráter mais universal. As falas são trazidas aos leitores, apesar das relutâncias da autora. Tratam-se de registros de uma convivência, cujo mérito, talvez, seja o que nos traz da pessoa de

¹⁰ MARQUEZ, Gabriel García apud HERSCOVITZ, Heloiza Golbspan. *O Jornalismo Literário de Gabriel García Márquez*. Disponível em: <http://www.adevento.com.br/intercom/resumos/R0085-1.pdf>. Acesso: 21. Jul. 2005.

¹¹ VILAS BOAS, Sergio. *Biografias e Biógrafos: jornalismo sobre personagens*. São Paulo: Summus, 2002, p. 91.

¹² KOFES, Suely. *Uma trajetória, em narrativas*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2001, p. 22.

¹³ VILAS BOAS, Sergio. Idem, *Ibidem*, p. 68.

Rachel, o seu formato em entrevista talvez se justifique pela própria aversão de Rachel quanto à memória e mesmo em relação a uma possível biografia. A resistência dela pode ser vista quando o entrevistador busca tecer articulações entre sua vida e as relações com os seus entes mais próximos, ela logo exclama: “Você está de novo querendo fazer a minha biografia...é melhor voltarmos à pergunta inicial...”.¹⁴

Como delinear uma biografia de quem está em fuga? Talvez a biografia seja como tirar uma fotografia, escolhemos um ângulo e o ajustamos até capturarmos imagens que mais se aproximem da existência que tentamos registrar. Porém, sempre ficará algo de fora, uma paisagem bonita que estava do outro lado, uma palavra que não foi dita ou não conseguimos encontrar. Mas, o fascínio está exatamente nessa incompletude, nesse vazio que as palavras e as perguntas tentam preencher, afinal: “a verdadeira extensão da vida de uma pessoa (...) é sempre matéria discutível. Porque é difícil esse registro do tempo; nada o desordena mais rapidamente que o contacto com qualquer das artes”.¹⁵

Lapidar um rosto é esboçar “biografias do ser”,¹⁶ uma busca por retratar “paisagens interiores” que se tecem nas palavras e nos gestos. A realidade vai sendo como um conjunto de “narrativas tecidas”,¹⁷ diante das quais a vida vai se desvelando. Narrativas de quem viveu, de quem ouviu relatos, de quem tentou biografar e de quem lê, diante das quais como expressa uma das personagens de Rachel, Maria Moura, “cada pessoa acredita no que quer e passa adiante o que entende”.¹⁸

Em nossa leitura e em nossa tentativa de esboçar as figurações de uma escritora em palavras, de certa maneira, aproximamo-nos das impressões de Jacques Le Goff,¹⁹ através das suas concepções sobre a biografia de São Luís. Pondo a história em diálogo com outras ciências, Le Goff nos leva a pensar sobre as relações e tensões do indivíduo com a sociedade e conduz a ciência dos porões ao sótão, questionando o próprio fazer historiográfico. Diante de sua leitura biográfica, colhemos a idéia de como nos tornamos próximos, através da leitura e da investigação, de quem tentamos descrever, seja pela leitura de suas obras ou pelo o que disseram. Inesperadamente, depois de um tempo, deparamo-nos íntimos nutrindo sentimentos como por alguém muito próximo. No caso, da escritora cearense, realizamos essa travessia de narrativas, construindo essa relação de intimidade, reconstruções e releituras, sem nos preocuparmos se seríamos aceitos ou não. Antes, ouvimos uma de suas palavras, ao

¹⁴ NERY, Hermes Rodrigues. *Presença de Rachel: conversas informais com a escritora Rachel de Queiroz*. São Paulo: FUNPEC, 2002, p. 36.

¹⁵ WOOLF, Virgínia, *Orlando*. 2ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003, p. 203.

¹⁶ Contra Capa. WOOLF, Virgínia. *Orlando*. 2ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.

¹⁷ KOFES, Suely. *Uma trajetória, em narrativas*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2001.

¹⁸ QUEIROZ, Rachel de. *Memorial de Maria Moura*. São Paulo, Siciliano, 1992. 9ª impressão, 1997, p. 477.

¹⁹ LE GOFF, Jacques. *São Luís*. Biografia. Rio de Janeiro. São Paulo, 1999, p. 788.

que parece comum, aos que com ela teciam uma ‘prosa’: “Por favor, me trate de você e me chame de Rachel”.²⁰ E através delas seguimos seus possíveis rastros.

Talvez possamos desenhar presenças, tal como as lemos ou imaginamos, ou mesmo quando consideramos nossa linguagem apenas como uma tentativa de dar sentido ao que vemos. Trilha sempre fugidia, plena de mãos vazias, mas não menos arrebatada de vivências. Lembramos de Scott quando aponta que a experiência é um evento lingüístico. Somos seres de linguagem, incluímos ou excluímos, no que falamos, estudamos, escrevemos ou pensamos, são práticas permeadas por presenças e ausências. Não há como separar experiência e linguagem, pois “experiência é, ao mesmo tempo, já uma interpretação e algo que precisa de interpretação”.²¹ O que tentamos esboçar são encontros de narrativas: de leituras, de experimentação das palavras e de transfiguração dos sentidos da vida na escrita. Deparamo-nos com a idéia de que “toda verdadeira vida é experimentação, ninguém escapa”.²²

Na escrita está uma tentativa de esboçar traços singulares do humano, escrevendo e inscrevendo textos únicos, marcados pela ousadia de olhar a vida e de contá-la. Uma maneira de animar o que é humano através da escrita, assim, a “arte do biógrafo consiste justamente na escolha. Ele não tem que se preocupar em ser verdadeiro; deve criar dentro de um caos de traços humanos. (...) saber escolher, entre os possíveis humanos, aquilo que é único”.²³ Talvez seja uma busca por “contar com a mesma preocupação as existências *únicas* dos homens, quer tenham sido divinos, medíocres, ou criminosos”.²⁴

O traçado biográfico não tem fim, é uma estrutura narrativa que não segue a cronologia de uma vida. Aliás, a própria vida escapa da cronologia dos anos, somos tantos rostos diante dos outros, são tantas horas de pessoas, tanta coisa recruzada dentro e fora de nós. Quanta coisa nos escapa? Quanta coisa não fugira dos olhos de quem tenta nos ler? Aceitar essa fugacidade na história de uma vida, talvez seja seguir seu nomadismo percebendo que:

Não há um verdadeiro biografado, apenas complexos pontos de vista sobre ele. O biógrafo assume que privilegia alguns destes pontos de vista, mas os privilégios são aleatórios, baseados na própria viabilidade de acesso às informações. Tudo o que temos são lacunas, e elas são infinitas²⁵.

O método biográfico tem uma proximidade com a faina do romancista, pois coloca seu personagem num processo de desmontagem e também de criação, refaz cenários, pontua entre as fontes “efeitos do

²⁰MENEZES, Cynara. Leia entrevista de Rachel de Queiroz concedida à Folha em 1998. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br>>. Acesso em: 04. Nov. 2003.

²¹ SCOTT, Joan W. Experiência. In: LEITE DA SILVA, Alcione et. all. (org) *Falas de Gênero*, Florianópolis: Editora Mulheres, 1999.

²² LISPECTOR, Clarice. Literatura de Vanguarda no Brasil. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Rocco, 2005, p. 97.

²³ SCHWOB, Marcel. *Vidas Imaginárias*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997, p. 23.

²⁴ Idem, *Ibidem.*, p. 42.

²⁵ PENA, Felipe. *Teoria da Biografia sem fim*. Rio de Janeiro: Mauad, 2004, p. 85.

real”, como ressalta Jacques Le Goff.²⁶ Entretanto, lida-se também com um vazio, visto que “uma biografia não é só a coleção de tudo o que se pode e de tudo o que se deve saber de um personagem.”²⁷ Ela também lida com o descontínuo e com os silêncios, com a fuga dos olhos e das palavras. Perscruta veredas que se bifurcam, buscando saber o que o outro criou diante de tudo o que lhe aconteceu, como metamorfoseou sua existência²⁸. Contudo, também desvela que “a vida de uma pessoa não é o que lhe aconteceu, e sim o que ela lembra e como lembra”²⁹. Em suma:

O cumprimento do primeiro dever de um biógrafo, (...) é caminhar, sem olhar para a direita nem para a esquerda, sobre os rastros indelévels da verdade; sem se deixar seduzir por flores; sem fazer caso da sombra; (...) expor os fatos até onde são conhecidos e depois deixar o leitor fazer com eles o que puder.³⁰

A Crônica de uma Vida

A perspectiva de uma “fragilidade de um eu” foi em todos os tempos perceptível na literatura, como nos lembra Maffesoli, “O romance, a poesia, as memórias ou os ensaios biográficos apóiam-se na incerteza. (...) A acuidade da sensibilidade artística sempre intuiu o caráter movediço da individualidade humana”³¹. Ao narrar a existência de alguém lidamos com a ilusão da cronologia, a simultaneidade temporal e brincamos com os fragmentos que nos permite ler ou que se identificam com a nossa própria história. Vamos tentando narrar a vida de Rachel e aqui “nós apenas copiamos as suas palavras como são faladas, acrescentando, entre parênteses, o eu, que na nossa opinião, está falando, mas é bem possível que estejamos cometendo um erro”³².

A escritora nasceu em Fortaleza-Ce, em 17 de novembro de 1910 e faleceu recentemente, no dia 4 de Novembro de 2003, no Rio de Janeiro. Rachel conta a sua através de sua obra: romances, crônicas, peças teatrais, textos infanto-juvenis, livros didáticos, traduções e diversas contribuições com os amigos (e para eles): José de Alencar, Joaquim Manoel de Macedo, Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Lygia Fagundes Telles, Jorge Amado, Guimarães Rosa, Antônio Callado, Carlos Drummond de Andrade, Clarice Lispector, Fernando Sabino, Manuel Bandeira, Rubem Braga, Ariano Suassuna, entre

²⁶ LE GOFF, Jacques. *São Luís*. Biografia. Rio de Janeiro. São Paulo, 1999, p. 22.

²⁷ Idem. *Ibidem*, p. 19.

²⁸ SARTRE, Jean-Paul. *Saint-Genet: ator e mártir*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

²⁹ MARQUEZ, Gabriel García apud VILAS BOAS, Sergio. *Biografias e Biógrafos: jornalismo sobre personagens*. São Paulo: Summus, 2002, p. 7.

³⁰ WOOLF, Virgínia. *Orlando*. 2ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003, p. 45.

³¹ MAFFESOLI, Michel. *No Fundo das Aparências*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1996, 303-304.

³² WOOLF, Virgínia. *Orlando*. 2ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003, p. 206.

outros. Mesmo sabendo que “somos sós no mundo, precisamos da convivência com o outro”³³. E mais “precisamos de amigos de acordo com os diferentes ângulos de nossa existência”.³⁴ Tinha laços de amizade com Mário de Andrade, Pedro Nava, Daniel Olympio, Aurélio Buarque de Holanda e muitos outros.

A vida de Rachel é como uma “crônica dispersa” e sobre está pratica literária ela afirma:

Sou uma contumaz usuária do gênero, só na “Última Página” da revista *O Cruzeiro* fiz crônicas durante trinta anos cravados: do início de 1945 até quando a revista fechou, em 1975. Será talvez a crônica o gênero literário mais confessional do mundo. Pois o cronista, quase invariavelmente, tira o tema dos comentários que faz do seu próprio cotidiano, ou assunto do dia no país, na cidade, no seu bairro. Até da sua casa, da sua estante de livros. Quando vêm me importunar com a exigência (que eu detesto) de escrever as minhas memórias, a resposta que dou é sempre a mesma: quem quiser saber a biografia, leia as minhas crônicas. Pela data e local de cada uma, já há uma informação. E tudo o que comento, que exploro, foi tirado do meu dia-a-dia: o menino que me trouxe uma flor, o espetáculo de teatro a que assisti, as memórias de infância, as lembranças e apelos do Ceará, sempre cantando no sangue. E os fatos políticos, já que sou um animal político, sempre me interessam apaixonadamente por tudo que acontece nessa área, seja na minha província, no meu município, no país ou no resto do mundo. Também os sentimentos, angústia e esperanças, alvoroços do coração, saudades, perdas, promessas, e alegrias, tudo isso aparece na crônica, aberta ou disfarçadamente – compete ao leitor inteligente desvendar nas entrelinhas. Ou constatar a frase aberta³⁵.

Sobre a trajetória de Rachel de Queiroz, ela tornou-se membro da Academia Brasileira de Letras, em 4 de novembro de 1977, sendo a primeira mulher a ingressar na instituição. Como observa Eleuda de Carvalho, a “primeira imortal de saias”.³⁶ Para Rachel, ninguém melhora ou piora a qualidade literária ao passar a freqüentar associações, afinal “a arte é só o corpo a corpo entre você e a criação. Aquele duro combate entre a idéia e a transposição ao papel”.³⁷

Mas teve também sua atuação política, no movimento comunista, contra o Estado Novo e Getúlio Vargas, e existe uma série de críticas ao fato dela conhecer os generais na época da ditadura, como Castelo Branco, por exemplo. Seu livro *João Miguel* foi a obra que marcou o seu rompimento com a militância no partido, por terem ameaçado sua autonomia e liberdade intelectual. Queriam que ela mudasse a trama, contudo ela recusou, pois diz não acreditar em literatura engajada, isto é, para ela, um

³³ QUEIROZ, Rachel de. In: NERY, Hermes Rodrigues. *Presença de Rachel: conversas informais com a escritora Rachel de Queiroz*. São Paulo: FUNPEC, 2002, p. 48.

³⁴ QUEIROZ, Rachel de apud NERY, Hermes Rodrigues. *Idem*, *Ibidem*, p. 89.

³⁵ QUEIROZ, Rachel de apud CUNHA, Maria Cecília. *Crônica: A vida de Rachel de Queiroz dispersa*. In: *Anais/ Trabalhos Completos do XI Seminário Nacional /II Seminário Internacional Mulher e Literatura. Entre o Estético e o Político: a questão da mulher na literatura*. Rio de Janeiro: ANPOLL, 2005. CD-ROM, p. 444.

³⁶ CARVALHO, Eleuda de. *Imortalidade de saias*. In: *Tão Conceição, tão Moura*. Disponível em:

< <http://www.noolhar.com/tudosobre/rachel/>>. Acesso em: 03. Set. 2002.

³⁷ QUEIROZ, Rachel de. *Tantos Anos*. São Paulo: Siciliano, 1998, p. 209.

sermão, não (...) Literatura. Mas, é possível fazer um esforço e expressar seus sentimentos políticos, apenas com talento, sem pregar nada.³⁸ Declara que “não era partidária de ninguém, era mesmo franco-atiradora”.³⁹

Dizia-se uma pessoa profundamente marcada pelo acontecimentos de sua vida, talvez por isso só volte a eles com a grande insistência dos amigos, da irmã, enfim, precisa de companhia para retomá-los e refazer o tecido desfiado. No entanto, confessa para Nery, que quando existe esse compromisso de contar as suas memórias, a pessoa dificilmente se expõe, pois no fundo o que se faz é tentar “justificar as coisas que se fez e no fundo fazendo uma maquiagem do que se foi”.⁴⁰

Carlos Heitor Cony exprime que a: “A literatura regional nasceu com Rachel de Queiroz, sem padrinhos, no sertão do Ceará”.⁴¹ O que pode se assinalado como uma espécie de orfandade diante da escrita, diante da vida, que não é uma característica de um tempo ou de um escritor, mas da estrutura antropológica da condição humana que Rachel encarna em si.

A leitura sempre foi algo presente no seu cenário familiar, “todos respondiam às suas perguntas”⁴². Recebe das mãos de sua mãe as primeiras leituras do mundo, pelas lentes de Machado de Assis, Eça de Queiroz e Balzac. Outra grande influência virá pela avó materna. Desta, Rachel de Queiroz herdou não somente os traços literários como também o nome e o sobrenome. Tornou-se a “Rachelzinha” e estar no espaço de sua avó, segundo ela, era como estar no paraíso.

Sobre sua formação ela afirma:

Nunca fiz e nunca me interessei por curso superior. Embora na minha época já houvesse mulheres formadas, médicas, juízas, eu era a total autodidata. Toda a escolaridade que tive foi de junho de 1921 a novembro de 1925. Contudo eu lia muito. Mamãe tinha uma biblioteca muito boa e tanto ela quanto papai me orientavam nas leituras. Quanto eu era adolescente, eles liam para eu ouvir, faziam mesmo sessões de leitura; e quando chegavam os pedaços mais escabrosos, de Eça, por exemplo, discretamente pulavam e disfarçavam.⁴³

Das mãos maternas começou a alcançar os livros de Machado de Assis: *A Mão e a Luva* e *Iaiá Garcia*; que se tornou então, para ela o seu “ídolo, seu deus literário”.⁴⁴ Depois passou para *As Cidades*

³⁸ TORINHO, Maria Esther. *Uma Doce Anarquista*. Entrevista com Rachel concedida à Revista Brazil. Disponível em: <<http://www.literario.com.br/mulheres/rachelentrevl.htm>>.

Acesso em: 28. Ago 2004.

³⁹ QUEIROZ, Rachel de. *Tantos Anos*. São Paulo: Siciliano, 1998, p. 146.

⁴⁰ QUEIROZ, Rachel de. In: NERY, Hermes Rodrigues. *Presença de Rachel*: conversas informais com a escritora Rachel de Queiroz. São Paulo: FUNPEC, 2002, p. xv.

⁴¹ CONY, Carlos Heitor apud MASINI, André. *Rachel de Queiroz*. Disponível em:

<http://www.casadacultura.org/d/panteao/rachel_de_queiroz/rachel_de_queiroz.htm>. Acesso em: 17 Jul. 2004.

⁴² QUEIROZ, Rachel de. In: NERY, Hermes Rodrigues. *Presença de Rachel*: conversas informais com a escritora Rachel de Queiroz. São Paulo: FUNPEC, 2002, p. 41.

⁴³ QUEIROZ, Rachel de. *Tantos Anos*. São Paulo: Siciliano, 1998, p. 30.

⁴⁴ MENEZES, Cynara. *Leia entrevista de Rachel de Queiroz concedida à Folha em 1998*. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br>>. Acesso em: 04. Nov. 2003.

e as Serras de Eça de Queiroz. Todavia, a jovem leitora também lia livros da *Collection Rose*, “literatura para moça”. Claro que até ser surpreendida pela mãe, que trocou o livro por Balzac. A seu ver: “essa biblioteca *rose* só falava de sexo”.⁴⁵ Em relação à mãe ela afirma: “Eu acho que muito do que eu fiz eu devo justamente a essa presença dela”.⁴⁶ E mais: “Eu ainda escuto no coração as passadas de meu pai nos ladrilhos do alpendre, o sorriso de mamãe abrindo a janela do meu quarto, manhã cedo: ‘acorda literata! Olha que sol lindo!’”.⁴⁷

A casa da avó materna foi uma de suas influências literárias, de sua estante tirava romances da literatura francesa e portuguesa e exercitava a arte da oralidade, pois sua avó gostava de que as netas lessem para ela, em voz alta traduzindo as obras diretamente. Aos 12 anos já lia em francês. O livro considerado, pela autora, como mais importante era o “*Flos Sanctorum* ou Coleção de Vida dos Santos”, que aparecerá nas mãos de uma de suas personagens *Dôra, Doralina* (1975).

A presença do pai, com quem ela se parecia muito, foi imprescindível, no apoio durante toda sua vida, no incentivo durante a publicação de seu primeiro livro, nas vezes que teve que tirá-la da prisão por se envolver em algum movimento político. Tinha, segundo Maria Luíza, uma paciência infinita com “doidos, bêbedos e chatos em geral (qualidade (...) que Rachel herdou sem tirar uma vírgula”.⁴⁸ Dele também recebeu como herança a fazenda *Não me Deixes*, localizada em Quixadá, no sertão do Ceará, seu abrigo. Ela diz que:

era dessas filhas idólatras, achava papai insuperável. (...) era então nosso costume todas as noites no deitarmos nas redes do alpendre, e papai me contava histórias. Foi então que aprendi muita coisa de história e geografia. Os reis de Portugal, da França, as guerras antigas. Às vezes também ele recitava poesias. E eu gravava tudo, tinha uma memória infernal. Em *As Três Marias*, com o despudor que caracteriza o romancista, eu aproveitei, com o pai da Guta, muitas dessas minhas lembranças com papai. Embora mamãe talvez fosse mais inteligente, especificamente mais letrada, com melhor gosto literário do que papai, ele teve muito mais influência sobre mim durante a minha infância: no Pará, na serra, no Ceará. Minha primeira formação foi obra mais dele do que dela. Contudo, essa minha falada sobriedade no escrever devo mais à influência de mamãe, pois papai era um gongórico, gostava de ditos de efeito, era um ruibarbosiano. Nunca o acompanhei muito nas suas preferências. Só um pouco, quando ele lia Eça, Guerra Junqueiro. Quando comecei a escrever ele tinha muito orgulho de mim, ma não me lembro de nenhum comentário seu. De mamãe, me lembro de milhões de comentários. (...) ele me aceitava tal e qual (...) nunca houve entre nós uma troca de críticas, opiniões. Não me lembro. Com mamãe era constante⁴⁹.

⁴⁵ QUEIROZ, Rachel de apud ARAGÃO, Cleudene de Oliveira. *Ceará e Galícia na Literatura: Xosé Neira Vilas e Rachel de Queiroz - vidas feitas de terra, mar e palavra*. Dissertação (Mestrado em Literatura)- Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 1998. Entrevista concedida em 21 de novembro de 1997, p. 107.

⁴⁶ QUEIROZ, Rachel de apud ARAGÃO, Cleudene de Oliveira. Idem, *Ibidem*.

⁴⁷ QUEIROZ, Rachel de. *Tantos Anos*. São Paulo: Siciliano, 1998, p. 79.

⁴⁸ QUEIROZ, Maria Luíza. In: *Tantos Anos*. São Paulo: Siciliano, 1998, p. 82.

⁴⁹ QUEIROZ, Rachel. Idem, *Ibidem*, p. 96.

Rachel foi casada com José Auto, um funcionário do Banco do Brasil com quem ela teve uma filha, em 1933, chamada Clotilde, que faleceu no mesmo ano que seu irmão Flávio. Separou-se e conheceu Oyama, que era médico e para ela assumiu as atitudes de seu pai, sem nunca ter visto como ele agia. Apaixonou-se por sua fazenda, juntos levantaram a casa. Com ele viveu:

uma experiência ímpar de uma relação amorosa intensa e consistente. Morreu em 1982. (...) A sua perda foi uma mutilação. É uma parte de mim que se foi, uma parte vital. Saudade não é a palavra certa para o que sinto, mas falta, a falta de alguém que me fez conhecer o valor da experiência amorosa. (...) fomos casados durante 42 anos. Nós vivemos, de fato, uma solidão a dois. Fazíamos longas viagens sem falar com ninguém.⁵⁰

Para ela, “a sensação de perda é mesmo uma das coisas mais tristes da vida”,⁵¹ dizia só não perdoar uma coisa em seus amigos, era muitos deles terem morrido antes dela. Fala também muito de seus irmãos, Flávio (já mencionado), Luciano (que morreu com 28 anos), Roberto (falecido em 1995) e de Maria Luíza.

Na realidade, em sua visão, “família a natureza as faz, mas a gente as arruma ou organiza”, teve irmão que eram tios, quando pequena era cuidada pela avó, que tem o mesmo nome de sua irmã, Maria Luíza. Esta, por sua vez se transformou em sua filha, seus sobrinhos conseqüentemente seus netos.

Nas palavras de sua irmã Maria Luíza, “Rachel era novidadeira. É, e sempre foi. Toda a vida fez coisas diferentes do que se esperava, diferentes do que os outros fazem, sem aceitar conselho e sem ligar para a opinião de ninguém”. Mesmo quando estava longe, eram suas cartas para sua mãe que “lidas em voz alta, (...) traziam outros mundos e, num paradoxo, ancorava-os no cotidiano. Continua: Embora sua presença física pouca apareça em certas fases da nossa vida, sua influência, por mais longe que ela estivesse, era forte e definitiva”.⁵²

O Romance Biográfico

Muita coisa não posso te contar.
Não vou ser autobiográfica.
Quero ser “bio”. Escrevo ao correr das palavras.⁵³

Se há quem aborde sua obra dizendo que em termos de escrita ela não fez nada que a imortalizasse, como uma Clarice Lispector, por não ter feito “rupturas com o discurso, não tendo levado a experiência da escritura para outros limiares”.⁵⁴ Entendemos que a escritora Rachel ousou transformar em prosa o

⁵⁰ QUEIROZ, Rachel de. In: NERY, Hermes Rodrigues. *Presença de Rachel: conversas informais com a escritora Rachel de Queiroz*. São Paulo: FUNPEC, 2002, p. 91.

⁵¹ Idem, *Ibidem*, p. 44.

⁵² QUEIROZ, Maria Luíza. In: *Tantos Anos*. São Paulo: Siciliano, 1998, p. 71; 90; 89.

⁵³ LISPECTOR, Clarice. *Água Viva*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998, p. 33.

⁵⁴ CARVALHO, Gilmar de. “Não me Deixes”. In: *O Descanso da Imortal. Diário do Nordeste*. Fortaleza, 5 de nov, 2003.

seu cotidiano, com todos os seus cárceres e veredas. Não escapou ileso, mas soube transformar em palavras suas marcas.

Segue pela vida, sem posses de ilusões sobre o que faz e nem mesmo a religião é um refúgio, um manto e uma bandeira para Rachel, ela é uma estrangeira de si mesma. E comenta: “Esta questão de fé é muito complexa. Eu nunca tive isso. Não romantizo a vida. (...) eu sempre vivi numa grande solidão⁵⁵.” A escritora chega a brincar que Dom Helder tinha muita esperança que ela se convertesse ao conhecer Roma, entretanto, expressa Rachel: “nunca estive tão longe de Deus quanto em Roma. Porque lá, aquela massa de riquezas, aquelas igrejas suntuosíssimas, o peso monumental da Igreja de São Pedro, afastam a gente de qualquer idéia de espiritualidade”.⁵⁶

O cenário de sua escrita é a de um mundo sem deuses, no qual os seres se confrontam desamparados diante da tragicidade cotidiana, ou seja, num mundo no qual não há solução para os conflitos, mas uma aceitação diante do que é. Sobre esse desamparo humano, Rachel ressalta: “É muito ruim isso, não ter uma crença, porque nas fases ruins você não tem em que se apegar. Tem que se encolher em si mesma e agüentar a pancadaria”.⁵⁷

Declara um grande “desamor à sua obra”, e o fato de não gostar de escrever crônicas - algo que fez praticamente sua vida toda -, e como é penoso escrever um romance. Comentava não reler nenhuma de suas obras e dizia até detestá-las. “Escrevo porque é minha profissão, é o que sei fazer. Se eu morrer agora, você não encontra uma página inédita aqui. Eu só escrevo por obrigação. Sou muito preguiçosa”.⁵⁸

Nossa universal escritora chega a dizer que vê esse “negócio de escrever” como uma deformação, se o faz é porque é o seu “pão de cada dia, mas é uma deformação, não é normal você estar prestando atenção nos outros para botar no papel o que eles fazem né? Cada um com a sua loucura”. E ressalta mesmo que a literatura é antes para ela uma “profissão do que vocação. Eu sou uma pessoa meio desamparada”.⁵⁹

Se o escritor ao realizar seu trabalho faz o pacto de ser autobiográfico ou ficcional, Rachel faz um romance biográfico ou romanceia sua vida em toda sua obra, está implicada nos seus escritos. Talvez

⁵⁵ QUEIROZ, Rachel de. In: NERY, Hermes Rodrigues. *Presença de Rachel: conversas informais com a escritora Rachel de Queiroz*. São Paulo: FUNPEC, 2002, p. 57.

⁵⁶ QUEIROZ, Rachel. *Tantos Anos*. São Paulo: Siciliano, 1998, p. 151.

⁵⁷ MENEZES, Cynara. *Leia entrevista de Rachel de Queiroz concedida à Folha em 1998*. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br>>. Acesso em: 04. Nov. 2003.

⁵⁸ QUEIROZ, Rachel de. Depoimento. ARAÚJO, Ariadne. *Entrevista do Jornal O Povo com Raquel de Queiroz*. Disponível em: <<http://www.noolhar.com/tudosobre/rachel/>>. Acesso em: 03. Set. 2002.

⁵⁹ QUEIROZ, Rachel de. Depoimento [28 de abril de 2001]. Entrevistadora: Profa. Heloíse Riquet Correia (UECE). Quixadá-Ce. 2001. Entrevista concedida a projeto de pesquisa da Fundação Cearense de Apoio à Pesquisa e ao Desenvolvimento Tecnológico -Funcap.

por isso fale tão freqüentemente das agruras de escrever, pois a escrita se encarna ao seu cotidiano, seja na crônica ou no romance. Cada palavra nasce entre as cenas de sua vida, transfigurando dor e alegria, inscrevendo sua existência na escrita de um universo coletivo e esse sendo escrito em sua escritura.

As marcas doídas das palavras configuram narrativas de ganhos e perdas. Suas mãos tentam tecer a vida mesmo transpassada pelos lutos, melancolias que tomam conta de sua escrita. Nela são impressas as próprias perdas por ela enfrentadas numa vida que é, como indica sua personagem Doralina: “toda um doer”.⁶⁰ Para Rachel:

Escrever, para nós, é ofício, e ofício penoso. Diariamente, como uma fera, a dentuça máquina de escrever está aí para nos devorar o surrado miolo – é o artigo para entrega, é o livro, a peça, a tradução, - sei lá! Raro, raríssimo o dia em que um compromisso de entrega não nos amarra ao pé do malfadado instrumento – e enquanto os outros tomam banho de mar, ou vão ao cinema, ou batem papo nas livrarias, nós ficamos blá-blá-blá, no teclado, espremendo o juízo, inventando assunto, soando sangue. E assim, (...) temos que enfrentar os nossos dois grandes problemas: tempo e dinheiro. Precisamos de um para ganhar o outro. Somos simples artesãos, temos uma vida dura e trabalhosa, pois quase sempre acumulamos o ofício de escrever, já de si ingrato, com as outras lutas mais ou menos duras da vida cotidiana⁶¹.

Seus personagens, em suas “migrações diárias” pelo cotidiano, talvez herdem algo dos personagens cervantinos, sendo “leitores explícitos de si mesmos”.⁶² Seres que se percebem apenas num “invólucro chamado corpo” e contando apenas com a coragem, cercados por tramas de traições, sujeições, desejos insatisfeitos de felicidade e instantes eternos de fuga. Exilados pelas convenções sociais, em seus relacionamentos, não abandonam o desejo de serem “errantes”, mesmo conhecendo os medos da vida. Viajantes que nos fazem observar o quanto os seres humanos são passageiros nessa aventura que é a vida. Na qual em alguns momentos: “Tudo amarga, com gosto de fel e sangue na boca”⁶³ diante do sentimento trágico. Desbravam e seguem “marchando pela vereda estreita”,⁶⁴ e em suas figurações encontramos os passos de Rachel.

Creio realmente ser uma boa memória a qualidade básica do romancista. Memória para os fatos, memória da vida, principalmente memória de si mesma. Ir enrolando a meada enquanto vive, para desenrolar enquanto escreve. Naturalmente que há o comentário pontuando as lembranças e há escolha (...) disfarces mascarando as recordações. E há a linguagem, que é a *mise-en-scène*. Mas memória, memória do

⁶⁰ QUEIROZ, Rachel de. *Dôra, Doralina*. São Paulo: Siciliano, 1975, p. 3.

⁶¹ QUEIROZ, Rachel de apud CUNHA, Maria Cecília. *Crônica: A vida de Rachel de Queiroz dispersa*. In: Anais/Trabalhos Completos do XI Seminário Nacional /II Seminário Internacional Mulher e Literatura. Entre o Estético e o Político: a questão da mulher na literatura. Rio de Janeiro: ANPOLL, 2005. CD-ROM, p. 443.

⁶² BARBOSA, João Alexandre. Borges, Leitor do Quixote. Biblioteca Imaginária. *Cult: Revista Brasileira de Literatura*, São Paulo, n. 25, agosto de 1999, p. 56.

⁶³ QUEIROZ, Rachel de. *Memorial de Maria Moura*. São Paulo, Siciliano, 1992. 9ª impressão, 1997, p. 391.

⁶⁴ Idem, *Ibidem*, p. 469.

consciente e do inconsciente, lembranças acumuladas, imagens, recordações – isso tudo constitui matéria-prima.⁶⁵

Sobre a possibilidade da escritora aparecer retratada em memórias, ela mesma responde: “Não, nem estará nunca. Porque pra que é que a gente escreve um romance senão para botar as coisas que você não quer botar no papel pessoalmente?”.⁶⁶ Em seus romances encontraremos as marcas de suas ausências, nas ações de suas personagens um pouco de seus desejos. Ela mesma retoma essa idéia: “Minhas mulheres são danadas, não são? Talvez seja ressentimento do que não sou e gostaria de ser”.⁶⁷

Na ficção da autora, ela encena com Conceição (*O Quinze*-1930), diante da seca, Santa, que enfrenta a prisão de seu companheiro (*João Miguel*-1932), Noemi (*Caminho de Pedras*-1937), Guta (*As Três Marias* -1939), Doralina (*Dôra, Doralina*-1975), com Nazaré em (*Galo de Ouro* -1985) ou Maria Moura (*Memorial de Maria Moura* - 1992), personagens que narram suas vidas, na companhia de alguém, sozinhas, em sua terra ou bandoleiras, traçando seus destinos e ao mesmo tempo arrebatadas por ele. Rachel aponta: “a gente acaba pondo tudo o que é nosso lá...tudo acaba saindo transfigurado...mas está lá (...) Sou nada mais que uma contadora de histórias dos dramas humanos”.⁶⁸

Conceição, professora, contempla a seca no Ceará, não tinha ilusões quanto ao amor e dizia alegremente ser uma solteirona. Vivia na companhia de seus livros, através deles desvela o mundo sem sentimentalismos, apenas na sua prosa enxuta e muitas vezes opostas aos nossos desejos. Os livros “eram velhos companheiros que ela escolhia ao acaso, para lhes saborear um pedaço aqui, outro além, no decorrer da noite. (...) casos de heroísmos, rebeliões e guerrilhas”. Às vezes resmungava: “(...) Está muito pobre, essa estante! Já sei quase tudo decorado”⁶⁹! Indagada pela avó sobre porque precisava ler, a personagem responde: “Leio para aprender, para me documentar (...) quando a gente renuncia a certas obrigações, casa, filhos, família, tem que arranjar outras coisas com que se preocupe...senão a gente fica vazia demais...”.⁷⁰

⁶⁵ QUEIROZ, Rachel de apud CUNHA, Maria Cecília. *Crônica: A vida de Rachel de Queiroz Dispersa*. In: Anais/Trabalhos Completos do XI Seminário Nacional /III Seminário Internacional Mulher e Literatura. Entre o Estético e o Político: a questão da mulher na literatura. Rio de Janeiro: ANPOLL, 2005. CD-ROM, p. 445.

⁶⁶ QUEIROZ, Rachel de. Depoimento. ARAÚJO, Felipe. *Entrevista concedida a Felipe Araújo da Editoria do Sábado* – Jornal O Povo, Ce, 26.09.1998. Disponível em: <<http://www.literario.com.br/mulheres/rachelentrev2.htm>>. Acesso em: 09. Set. 2004.

⁶⁷ QUEIROZ, Rachel de. Entrevista. CHIAPPINI, Ligia. Rachel de Queiroz: invenção do Nordeste e muito mais. In: *Literatura e Cultura no Brasil: identidades e fronteiras*. Ligia Chiappini/ Maria Stella Bresciani (org). São Paulo: Cortez, 2002, p. 157.

⁶⁸ QUEIROZ, Rachel de. In: NERY, Hermes Rodrigues. *Presença de Rachel: conversas informais com a escritora Rachel de Queiroz*. São Paulo: FUNPEC, 2002, p. 106.

⁶⁹ QUEIROZ, Rachel de. *O Quinze*. São Paulo: Siciliano, 1993, p. 8; 9.

⁷⁰ Idem, *Ibidem*, p.124.

Com Santa, acompanha a dor do cárcere de seu companheiro João Miguel, mas a personagem ao mesmo tempo não pensava que devesse se sentir amarrada a ninguém como se fosse “uma negra cativa”. João Miguel, pensando alto no texto, exprime: “pretendia prendê-la, a ela, tão livre, que tinha a rua aberta na sua frente e todos os homens do mundo se quisesse...Quem é que não quer uma cabocla nova, jeitosa como Santa?”⁷¹

Noemi, diante das repetições cotidianas e dos desgastes de seu casamento, descobre a dimensão política nas pequenas coisas de seu cotidiano e a possibilidade de se apaixonar por outro homem, no movimento comunista.

Sentia-se com a cabeça cheia de histórias novas, de mulheres heróicas, livres e valentes. Esquecida, naquele momento das contingências da sua vida, da disciplina doméstica, da cama comum, da promiscuidade e dos compromissos com alguém. Era apenas uma alma livre, ouvindo a história de outras almas livres. Fugira do seu centro habitual de gravidade, perdera a noção do pão nosso de cada dia. Naquele momento, nada era moral nem imoral, nada proibido nem permitido; não havia hora, não havia espaço: só a embriaguez do momento de revelação, das possibilidades de libertação. Sentia que confusamente vinham à tona, naquele instante, todos os seus sentimentos e desejos sufocados desde pequenina, que se tinham enquistado lá dentro, bem fundo – porque se envergonhava deles, porque lhe diziam que era pecado, mas agora se mostravam estranhamente nítidos e atuais, atropelando-se uns aos outros, desiguais, reabilitados, novíssimos.⁷²

Há, entretanto, nessa obra, também o fato dos personagens verem a vida ser regida por algo mais forte do que eles, algo irrevogável: “Nem valia a pena pensar e querer dirigir a vida. Tudo vai acontecendo por si. Não adianta fazer um plano, traçar caminhos. A vida tem lá os seus motores escondidos e eles é que governam tudo”.⁷³

Guta nas clausuras cotidianas de um colégio interno, no qual também Rachel estudou, não acreditava direito em nada, a crença parecia uma “casca exterior”, tendo como maior ato de fé somente a sensação de se sentir devota, como se encarnasse um papel. Deixou de crer porque deixava de orar e quando isso acontecia, deixava então de sentir seu personagem em cena e não conseguia representá-lo.

⁷⁴ Desejava apenas viver:

uma vida complexa, onde as criaturas realmente existem, amam, sofrem, morrem não sabem o que é passar a vida sentadas numa máquina escrevendo fichas e fichas, batendo relatórios que os outros escreveram, coisas vis e sem humanidade, palavras

⁷¹ QUEIROZ, Rachel de. João Miguel. In: *Três Romances: O Quinze*, João Miguel, Caminho de Pedras. 2^a.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957, p. 193.

⁷² QUEIROZ, Rachel de. Caminho de Pedras. In: *Três Romances: O Quinze*, João Miguel, Caminho de Pedras. 2^a.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957, p. 281.

⁷³ Idem, *Ibidem*, p. 327.

⁷⁴ QUEIROZ, Rachel de. *As Três Marias*. Fortaleza: Casa de José de Alencar/ Programação Editorial, 1996. p. 75.

que não têm conteúdo, que não designam nada, senão as relações absurdas de gente que é apenas uma fórmula ou um título⁷⁵.

Doralina tece sua vida nas relações com a sociedade, a terra, a migração, os homens e o tempo. Segundo sua inventora, é sua “personagem mais complicada”, a narração de sua vida não é linear e sim tecida nos espaços da solidão, das traições, das lembranças e do luto. Sente que na vida dor e alegria se gastam com o tempo. Aprendeu a tirar o luto para realizar suas viagens, toma consciência de seu corpo, não como coisa alheia e depósito da vontade dos outros. Diz: “Já agora o corpo era meu, pra guardar ou pra dar, se eu quisesse ia, se eu não quisesse não ia, acabou-se. Era uma grande diferença, para mim enorme”. (...) O importante era saber que dependia só de mim”⁷⁶.

Conhece a dor do homem que amava e pensou que se enterraria com ele, porém não se enterrou nada, e percebe que a gente não se enterra na cova de ninguém. E seguiu, assim:

Fiquei por aí, dormindo sozinha, comendo sozinha, andando à toa pelo meio dos outros, boiando na corrente como uma casca seca. E passados os dias piores do choque, eu olhava tudo em meu redor como casas e gente de uma cidade estrangeira, e ouvia a língua do povo como uma língua estrangeira, e o meu instinto só me pedia para ir embora, voltar pra longe, onde a dor que me podia doer era uma dor que eu conhecia, não aquela dor de abandono, naquele lugar que para mim só tinha sido ele, só dele e nada mais.⁷⁷

Nazaré, personagem do livro *O Galo de Ouro*, tem como cenário o mundo carioca, a Ilha do Governador, onde Rachel morou. Nele temos a presença de mães-de-santo, policiais, bicheiros, seres humanos em seus sofrimentos e angústias cotidianas. Encarna o lado diabólico da mulher, pois não tem o jeito comportado, sincero e direitinho que Mariano, seu marido, esperava. É inquieta, trai, entrega-se a liberdade que a impele e abandona o cárcere de desencanto da vida em comum.

Maria Moura, “tinha loucura por conhecer esse mundo. (...) procurava só respirar bem fundo e tomar o cheiro da liberdade”.⁷⁸ Como Doralina, ela aos poucos percebia que “estava livre de tudo, sem casa, sem dono, sem família, e daí? Pelo menos ninguém lhe botava o pé no pescoço”.⁷⁹

Moura em alguns momentos, quando não saía em suas aventuras sem plano, é tomada pelo o “assalto das lembranças”⁸⁰, algum tempo sentada na rede, se balançando, pensando em sua vida, nas coisas do mundo. “O que é bom e o que é ruim, na vida. Para ela e pra todas as pessoas”.⁸¹ E

⁷⁵ Idem, Ibidem, p. 72.

⁷⁶ QUEIROZ, Rachel de. *Dôra, Doralina*. São Paulo: Siciliano, 1975, p. 116.

⁷⁷ Idem, Ibidem, p. 238-239.

⁷⁸ QUEIROZ, Rachel de. *Memorial de Maria Moura*. São Paulo, Siciliano, 1992. 9ª impressão, 1997, p.79.

⁷⁹ Idem, Ibidem, p. 122.

⁸⁰ Idem, Ibidem, p. 188.

⁸¹ Idem, Ibidem, p.177.

considerava que “a cada hora se perdia o rumo, porque se tinha que andar ao capricho das trilhas e não se sabia bem para onde botavam; e às vezes se afastavam demais do nosso rumo norte- poente”.⁸²

O “vácuo da maternidade impreenchida”,⁸³ perpassa Rachel e suas personagens, praticamente todas sentiram a dor da perda de um filho. Em seus relatos encontramos essa relação de perdas e ganhos tecida com o mundo a partir do ventre. Nele são gerados os prazeres, o gozo de existir, no entanto também é nele que se escondem as sombras do desamparo e do vácuo que a cultura e a sociedade não preenchem, mesmo com suas promessas e ficções cotidianas para os seres humanos. Nada lhes garante consolo e perfeição. Doralina chega a dizer que se tivesse tido uma filha teria colocado o nome dela de Alegria!

Suas personagens atravessam as tempestades da vida e precisam se refazer. Em relação a elas, Rachel afirma: “A gente sempre se põe no lugar da personagem”.⁸⁴ Entendemos que mesmo que apareçam as marcas de uma narrativa construída em primeira pessoa, não significa dizer que esta seja autobiográfica. Ainda que encontremos vestígios marcantes da autora, o vivido e o inventado misturam-se. Segundo Rachel de Queiroz, em todos os seus personagens, está a sua experiência de vida. E afirma:

Se eu fosse a Dôra faria aquilo, se eu fosse a Maria Moura eu faria aquilo... Mais ou menos isso. Agora o meu romance mais autobiográfico é *As Três Marias*. É o meu mais autobiográfico.(...) Não tenho muita imaginação, de forma que uso muito a realidade, que vou transformando diante da máquina de escrever.⁸⁵

Assim: “o tempo ia passando, devagarinho, dando trabalho, marcando as pessoas”,⁸⁶ e as experiência de vida de Rachel vão se misturando as ações de seus personagens, principalmente, nas atuações das mulheres. Narrativas de vida reais e ficcionais que deságuam num rio de perdas e ganhos de nossa humanidade sempre ameaçada. A escritora revela uma ausência que perpassa o labor de suas construções romanescas:

Sempre senti que às minhas histórias faltava essa coisa básica do romance que é o enredo. Um sistema compacto de narrativa, tal um rio no seu curso. Comigo é como uma paisagem de lagoas: poça de água aqui, poça de água ali, tudo salteado, descombinado, sem continuidade – e (sic) mormente sem a força de corrente que o rio tem. Água parada⁸⁷.

⁸² Idem, *Ibidem*, p.229.

⁸³ QUEIROZ, Rachel de. *O Quinze*. São Paulo: Siciliano, 1993, p. 148.

⁸⁴ QUEIROZ, Rachel de apud ARAGÃO, Cleudene de Oliveira. *Ceará e Galícia na Literatura: Xosé Neira Vilas e Rachel de Queiroz - vidas feitas de terra, mar e palavra*. Dissertação (Mestrado em Literatura)- Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 1998. Entrevista concedida em 21 de novembro de 1997, p. 112.

⁸⁵ Idem, *Ibidem*, p. 113; 225.

⁸⁶ QUEIROZ, Rachel de. *O Galo de Ouro*. 2ª.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986, p. 158.

⁸⁷ QUEIROZ, Rachel de apud Áreas, Vilma. Rachel: o ouro e a prata da casa. In: *Cadernos de Literatura Brasileira* nº.4 (Rachel de Queiroz). São Paulo: Instituto Moreira Sales, 1997, p. 97.

Na obra de Rachel, deparamo-nos com a força das fatalidades, como também com personagens que recriam suas cenas de vida, mesmo que, em alguns momentos, sejam paralisados pelas imagens de “águas paradas” do trágico. Personagens seguem construindo suas vidas, carregando em si uma “lucidez melancólica e impotente”.⁸⁸ Encontramos Rachel, em seu “ângulo feminino e pessoal”⁸⁹, como sujeito da narrativa, como também vamos encontrando nas palavras e nas encenações de seus personagens, os enredos da trajetória humana. Rachel, seus muitos nomes e atuações, pois só podemos escrever o que somos e se os personagens que compomos se comportam de um modo diferente, isto quer dizer que não somos um único ser.⁹⁰

Os fios da vida escorrem por entre os dedos, levando Rachel. Mas, “o que pode fazer o biógrafo quando o seu herói o abandona?”⁹¹ Talvez lembrar, “como quer Borges, que um homem não está verdadeiramente morto a não ser quando o último homem que ele conheceu por sua vez estiver morto”⁹². A vida de Rachel está nas entrelinhas de seus escritos, e “a vida é o único tema do novelista ou do biógrafo”.⁹³ Isto nada tem a ver com estar sentado numa cadeira pensando, ao contrário, é travessia, ser atingido pela vida, senti-la como o vento que sopra no rosto de forma agradável ou de maneira cortante nos dias frios, para seguir trajetórias e compor a nossa própria.

Referências

- ARAGÃO, Cleudene de Oliveira. *Ceará e Galícia na Literatura: Xosé Neira Vilas e Rachel de Queiroz - vidas feitas de terra, mar e palavra*. Dissertação (Mestrado em Literatura)- Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 1998. Entrevista concedida em 21 de novembro de 1997.
- ARAÚJO, Felipe. *Entrevista de Rachel de Queiroz concedida a Felipe Araújo da Editoria do Sábado* – Jornal O Povo, Ce, 26.09.1998.
- BARBOSA, João Alexandre. Borges, Leitor do Quixote. Biblioteca Imaginária. *Cult: Revista Brasileira de Literatura*, São Paulo, n. 25, agosto de 1999.
- CARVALHO, Gilmar de. “Não me Deixes”. In: O Descanso da Imortal. *Diário do Nordeste*. Fortaleza, 5 de nov, 2003.
- CHIAPPINI, Ligia. Rachel de Queiroz: invenção do Nordeste e muito mais. In: *Literatura e Cultura no Brasil: identidades e fronteiras*. Ligia Chiappini/ Maria Stella Bresciani (org). São Paulo: Cortez, 2002.
- CUNHA, Maria Cecília. *Crônica: A vida de Rachel de Queiroz dispersa*. In: Anais/ Trabalhos Completos do XI Seminário Nacional /II Seminário Internacional Mulher e Literatura. Entre o Estético e o Político: a questão da mulher na literatura. Rio de Janeiro: ANPOLL, 2005. CD-ROM. (p 442-455).

⁸⁸ QUEIROZ, Rachel de. Caminho de Pedras. In: *Três Romances: O Quinze*, João Miguel, Caminho de Pedras. 2ª.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957, p. 303.

⁸⁹ QUEIROZ, Rachel de (s.d) apud HOLANDA, Heloísa Buarque de. O Éthos Rachel. In: *Cadernos de Literatura Brasileira* nº.4 (Rachel de Queiroz). São Paulo: Instituto Moreira Sales, 1997, p. 114.

⁹⁰ RAMOS, Graciliano apud VILAS BOAS, Sergio. *Biografias e Biógrafos: jornalismo sobre personagens*. São Paulo: Summus, 2002, p. 7.

⁹¹ WOLF, Virgínia. *Orlando*. 2ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003, p. 178.

⁹² BORGES, Jorge Luís apud LE GOFF, Jacques. *São Luís*. Biografia. Rio de Janeiro. São Paulo, 1999, p. 29.

⁹³ WOLF, Virgínia. Idem, *Ibidem*.

- KOFES, Suely. *Uma trajetória, em narrativas*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2001.
- HERSCOVITZ, Heloiza Golbspan. *O Jornalismo Literário de Gabriel García Márquez*. Disponível em: <http://www.adtevento.com.br/intercom/resumos/R0085-1.pdf>. Acesso: 21. Jul. 2005.
- LE GOFF, Jacques. *São Luís*. Biografia. Rio de Janeiro: São Paulo, 1999.
- LISPECTOR, Clarice. Literatura de Vanguarda no Brasil. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.
- _____. *Água Viva*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- MAFFESOLI, Michel. *No Fundo das Aparências*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1996.
- MASINI, André. *Rachel de Queiroz*. Disponível em: http://www.casadacultura.org/d/panteao/rachel_de_queiroz/rachel_de_queiroz.htm. Acesso em: 17 Jul. 2004.
- MENEZES, Cynara. Leia entrevista de Rachel de Queiroz concedida à Folha em 1998. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br>. Acesso em: 04. Nov. 2003.
- NERY, Hermes Rodrigues. *Presença de Rachel: conversas informais com a escritora Rachel de Queiroz*. São Paulo: FUNPEC, 2002.
- OKELY, Judith. *Anthropology e Autobiography: participatory experience and embodied knowledge*. In: *Anthropology e Autobiography*. Edited by OKELY, Judith; CALLAWAY, Helen. New York: Routledge, 1992. (ASA Monography 29).
- PENA, Felipe. *Teoria da Biografia sem fim*. Rio de Janeiro: Mauad, 2004.
- QUEIROZ, Rachel. *Três Romances: O Quinze, João Miguel, Caminho de Pedras*. 2^a.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957.
- _____. *Dôra, Doralina*. São Paulo: Siciliano, 1975.
- _____. *O Galo de Ouro*. 2^a.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.
- _____. *O Quinze*. São Paulo: Siciliano, 1993.
- _____. *As Três Marias*. Fortaleza: Casa de José de Alencar/ Programação Editorial, 1996.
- _____. *Tantos Anos*. São Paulo: Siciliano, 1998.
- _____. *Memorial de Maria Moura*. São Paulo, Siciliano, 1992. 9^a impressão, 1997.
- _____. *Cadernos de Literatura Brasileira*. n^o. 4. (Rachel de Queiroz). São Paulo: Instituto Moreira Sales, 1997.
- _____. Depoimento [28 de abril de 2001]. Entrevistadora: Profa. Heloise Riquet Correia (UECE). Quixadá-Ce. 2001. Entrevista concedida a projeto de pesquisa da Fundação Cearense de Apoio à Pesquisa e ao Desenvolvimento Tecnológico -Funcap.
- SARTRE, Jean-Paul. *Saint-Genet: ator e mártir*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- SCHWOB, Marcel. *Vidas Imaginárias*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997.
- SCOTT, Joan W. Experiência. In: LEITE DA SILVA, Alcione et. all. (org) *Falas de Gênero*, Florianópolis: Editora Mulheres, 1999.
- SILVA, Cristina Maria da. *Entre Exílios, Veredas e Aventuras: o romance da vida social em Rachel de Queiroz*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2005. 197 p.
- TORINHO, Maria Esther. *Uma Doce Anarquista*. Entrevista com Rachel concedida à Revista Brazil. Disponível em: <http://www.literario.com.br/mulheres/rachelentrev1.htm>. Acesso em: 28. Ago 2004.
- VILAS BOAS, Sergio. *Biografias e Biógrafos: jornalismo sobre personagens*. São Paulo: Summus, 2002.
- WOOLF, Virgínia. *Orlando*. 2^a. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.